

Enéias Tavares*

Universidade Federal de Santa Maria

A ressonância do tempo e a materialidade da memória: a releitura do romance de Anne Rice (1976) na primeira temporada da série *Entrevista com o Vampiro* (2022)

Resumo:

Este artigo analisa a primeira temporada da adaptação televisiva *Entrevista com o Vampiro* (AMC 2022), de Rolin Jones e Mark Johnson, em contraste com o romance homônimo de Anne Rice (2020), a partir da noção de desaceleração do tempo e da materialidade da memória. Entre os autores do referencial crítico, destacamos a reflexão da crítica e biógrafa Katherine Ramsland bem como o teórico alemão Hartmut Rosa, cujo conceito de “ressonância” contrasta com o risco da alienação e da indiferença em meio à sociedade em que vivemos. Dessa maneira, buscamos demonstrar que a série não é apenas uma adaptação fiel ao espírito de sua autora original, mas também uma experiência que critica a contemporaneidade, capaz de conjugar o cuidado com o mundo e a desaceleração da narrativa em diálogo com as reflexões propostas neste dossiê.

Palavras-chave:

Ressonância, Crítica Literária, Anne Rice, *Entrevista com o Vampiro*, Série Televisiva

Abstract:

This article analyzes the first season of the television adaptation *Interview with the Vampire* (AMC 2022), created by Rolin Jones and Mark Johnson, in contrast with Anne Rice's 1976 novel of the same name, through the lens of temporal deceleration and the materiality of memory. Among the critical frameworks, particular attention is given to the reflections of critic and biographer Katherine Ramsland, as well as German

sociologist Hartmut Rosa, whose concept of “resonance” stands in opposition to the risks of alienation and indifference in contemporary society. In this way, the article argues that the series is not only faithful to the spirit of its original author, but also a cultural object that critiques modernity, foregrounding practices of care for the world and proposing a slowed-down narrative in dialogue with the reflections presented in this dossier.

Keywords:

Resonance, Literary Criticism, Anne Rice, *Interview with the Vampire*, Television Series

1. Hartmut Rosa e o conceito de “ressonância”

No prefácio à edição nacional de *Aceleração – A transformação das estruturas temporais na modernidade*, seu autor, o sociólogo alemão Hartmut Rosa, expõe as questões que o levaram à escrita de seu livro:

O que é uma boa vida? E o que nos impede de levar essa vida? Por que a vida é sentida [...] como uma luta diária? Por que as pessoas se sentem como hamsters numa roda girada sempre mais rapidamente, na qual o mundo se lhes opõe como uma de afazeres sempre mais longa, a qual só podem manejar sob o modo da agressão? (Rosa 2019: ix)

Essas perguntas servem de base para seu conceito de “ressonância”, conceito que convido os leitores a compreenderem comigo na breve abertura deste texto. Para ele, deve-se, em primeiro lugar, perceber a “estabilização dinâmica” de nossas sociedades modernas, sociedades que se constituem “no e pelo movimento” interminável e dinâmico, quando se é instado sistematicamente ao crescimento, às inovações e à aceleração (*idem*: x). Tal noção explica a criação de uma “atmosfera existencial” baseada na velocidade tecnológica, na produtividade incessante, na atualização interminável e nervosa e, por fim e a cabo, do esgotamento de muitas pessoas diante de tais pressões sociais, culturais e tecnológicas.

É contra essa “lógica de hamster”, preso na continuidade de um produtivismo corrido e sem perspectiva de repouso, chegada ou alívio, que o conceito de “ressonância” se instaura. Em primeiro lugar, trataria de um espaço ou de uma experiência livre da lógica do aumento, da ampliação e da disponibilidade que nossos dispositivos móveis apregoam, numa direta resistência aos “imperativos da dinamização”, naquilo que o próprio Rosa chama de criação de “recursos culturais de resistência” (2019: xxviii).

A princípio, Rosa trata da ressonância como alternativa a dois estados de espírito: indiferença e repulsão. De encontro a elas, ressonância corresponderia menos a um “estado

emocional” e mais a um “modo reacional”, no qual “sujeito e mundo colocam-se numa relação responsiva” (Rosa 2019: xxxi). Nesse sentido, cabem outros adjetivos a essa experiência dialógica, na qual o sujeito estaria imbuído de uma relação de “sedução” e “encantamento”, sentindo o espaço que habita como território “protetor”, “amparador”, “responsivo” e “nutridor”, algo que pode ser alcançado em “práticas rituais” (*idem*: xxx).

Em termos simples, falamos de experiências de presentificação, atenção e fruição ativa e transformadora. Rosa sugere que uma dimensão “responsiva” articula uma relação de dupla troca e de dupla entrega, na qual indiferença ou rejeição não fariam parte da experiência. Como exemplos, Rosa articula experiências que se evidenciam espacialmente, como na natureza, na arte e na religião, e também relacionalmente, como no amor, na amizade, no trabalho e na ação política (*idem*: xxxii-xxxiii). Ela também se apresenta enquanto “elo dinâmico. Ressonância é aquilo que emerge entre os atores. O objetivo, ou o resultado desse elo é a *transformação mútua*” (*idem*: xxxv, itálicos do autor).

Quanto ao conceito de ressonância, Rosa escreve que ele:

diz respeito a um modo de relação com o mundo no qual sujeito e mundo ‘alcançam-se’ mutuamente, de tal modo que uma relação responsiva, que produza efeitos transformativos, pois que *liquefaz* as já dadas relações do mundo, emerja. Em relações de ressonância, os sujeitos são tocados (afetados) por um *outro*, o qual os refere e lhes *diz* algo, ao mesmo tempo que respondem (emocional e fisicamente) e, com isso, experienciam-se como *autoeficazes*. (2019: xi, grifo do autor)

É a partir desses questionamentos que podemos analisar a obra original de Anne Rice à luz de sua adaptação televisiva, *Entrevista com o Vampiro* (AMC 2022). Marcada pela introspecção confessional e pela imortalidade como metáfora da existência, a ficção de Rice encontra na série criada por Rolin Jones e Mark Johnson uma releitura que desafia as lógicas contemporâneas da aceleração, da angústia e da alienação. Em meio a uma era regida pela velocidade técnica, pela profusão de imagens e pela hiperexposição midiática, a adaptação televisiva opta por expandir enredos, aprofundar atmosferas e explorar pausas meditativas, configurando um gesto estético de resistência a práticas alienantes de consumo digital, comunicação impessoal e desconexão do espaço-tempo.

Ao privilegiar silêncios e digressões e aprofundar a densidade afetiva de seus personagens, a série *Entrevista com o Vampiro* se inscreve na tradição de um “tempo literário” que atravessa a narrativa audiovisual, recusando a aceleração típica da indústria do *streaming* e oferecendo ao espectador uma experiência marcada pela intensidade do detalhe, da voz e do gesto. Nesse sentido, a comparação entre romance e série revela como a transposição intermídia pode atuar como contraveneno à lógica da pressa e à anestesia sensorial, produzindo um espaço de cuidado estético e existencial. Essa leitura busca, assim, evidenciar como o diálogo entre literatura e televisão pode reativar um pacto de atenção e lentidão, reatualizando a potência da arte como modo de “cuidar do tempo” na modernidade tardia.

2. A obra de Anne Rice e a série *Entrevista com o Vampiro*, de Rolin Jones e Mark Johnson

A publicação de *Entrevista com o Vampiro* em 1976 marcou a estreia literária de Anne Rice, significando uma renovação do mito vampírico na literatura de língua inglesa. Ao articular a narrativa a partir de uma confissão em primeira pessoa, Rice conferiu ao gênero uma intensidade subjetiva que dialoga tanto com a tradição gótica quanto com a estética do romance psicológico moderno (Roberts 1996). Em uma trama de moldura narrativa simples, que busca no formato da entrevista a disposição em ouvir e registrar o ouvido, a escritora deslocou a figura do vampiro do campo da alegoria moralizante ou do folclore aterrador para o território da experiência íntima, melancólica e metafísica (Zimmerman 1997).

Essa dimensão inaugural se ampliou ainda mais pela atmosfera histórica e sensorial em que a narrativa se inscreve. Ambientado em Nova Orleans, espaço marcado pela pluralidade cultural, pela exuberância barroca e pela memória da escravidão, o livro mobiliza a cidade como cenário e metáfora: um território de excessos, onde vida e morte, prazer e dor, espiritualidade e carnalidade se entrecruzam. Nesse contexto, Rice articula o vampiro tanto como criatura sobrenatural quanto como símbolo marcado pela perda e pela culpa.

Entre os elementos persistentes de sua obra, destaca-se o elemento sinestésico, recurso estilístico e perceptivo pelo qual a escritora entrelaça sentidos múltiplos na descrição da experiência vampírica. A degustação de sangue, por exemplo, não se reduz a uma função fisiológica da criatura, mas se expande em registros táteis, visuais e sonoros, transformando-se em uma experiência estética total. Essa abordagem, que funde sensorialidade e transcendência, aproxima os vampiros de Rice de um estatuto quase místico, no qual a busca pelo prazer e pelo conhecimento ultrapassa fronteiras naturais e temporais.

Katherine Ramsland, em sua biografia, escreve o poder mítico desses personagens:

Vampiros são seres sobrenaturais que sugam o sangue dos vivos para prolongar sua existência. A imagem é uma metáfora complexa de sedução e submissão a um mistério superior. Vampiros são monstros, tornando o sagrado profano, confundindo os papéis normais de gênero e procriando ao penetrar seus próprios filhos. No entanto, eles também são uma ponte para o nosso mundo, uma vez que já foram humanos e parecem humanos. Eles representam a ameaça do *continuum*: seu parentesco conosco permite que invadam nossas casas e nos amedrontem com a chance de nos tornarmos como eles. Ainda assim, a popularidade do mito indica que nutrimos por ele tanto atração quanto repulsa. Vampiros representam impulsos sombrios presentes dentro de nós, podendo fazer o que nos é proibido – o ‘monstro dentro de nós’, como Anne o definiria mais tarde. Sugerindo infinita liberdade sexual, vampiros tematizam rendição sem culpa, sexo fora da norma, violência e poder sobre a morte – disfarçando talvez nosso próprio medo dela. (2024: 201)

Outro eixo da obra é a concepção de que o corpo pode curar a alma, no sentido de que a experiência carnal, mesmo atravessada pelo excesso e pelo pecado, apresenta-se como via de regeneração espiritual. Em *Entrevista com o Vampiro*, Louis encarna essa tensão: dilacerado

por culpa e melancolia, o jovem vampiro encontra na intensidade corpórea tanto sua perdição quanto uma possibilidade de resistência e transcendência. Essa perspectiva se tornaria uma das marcas mais distintas de Rice, propondo uma espiritualidade encarnada, em que a carne é veículo de redenção e não apenas de queda, culpa e pecado.

Por fim, o personagem de Lestat, apresentado inicialmente como o “vilão” que conduz Louis à perdição, revela-se ao longo da saga a verdadeira força vital e energética da obra de Rice. Em sua arrogância, carisma e exuberância, Lestat corporifica o desejo de sobrevivência e poder, além da vitalidade criadora que sustenta a série de livros *Crônicas Vampirescas*. Sua energia inesgotável, frequentemente contrastada com a introspecção dolorosa de Louis, cria o eixo dramático e temático que marcará as narrativas subsequentes de Rice. Lestat emerge como metáfora da própria literatura de Rice: excessiva, sedutora, inquieta e, sobretudo, disruptiva em seu poder de reconfigurar o mito do vampiro para a modernidade, o que também inclui suas atualizações tecnológicas.

Quase meio século após a publicação de *Entrevista com o Vampiro* e depois de uma adaptação cinematográfica consagrada em 1994, dirigida por Neil Jordan e protagonizada por Tom Cruise, Brad Pitt, Kirsten Dunst e Antonio Banderas, a notícia de uma versão televisiva chegou ao público com uma mescla de surpresa, expectativa e cautela. Em 2020, a AMC Networks adquiriu os direitos da obra de Rice, ficando a condução do projeto aos cuidados de Rolin Jones e Mark Johnson, nomes com longa experiência na televisão norte-americana por séries como *Weeds*, *The Big C*, *Breaking Bad* e *Better Call Saul*.

A série, estreada em 2022, trouxe Jacob Anderson como Louis de Pointe du Lac, Bailey Bass como Claudia, e Sam Reid no papel de Lestat, este renovando a figura magnética e contraditória do herói de Rice. Eric Bogosian, como Daniel Molloy, conferiu densidade à moldura da entrevista, agora transplantada de São Francisco para Dubai, cidade que simboliza tanto a modernidade quanto os excessos e contradições de uma contemporaneidade veloz e elétrica, ultra tecnológica, mas carente de memória. Essa atualização, somada à representatividade ampliada no elenco, reposiciona o romance de Rice em diálogo direto com questões sociais e culturais do presente, preservando a força atemporal de seus personagens e, ao mesmo tempo, renovando sua vitalidade diante de novas audiências.

Enquanto o romance de 1976 apresentava dois aristocratas brancos do século XIX, marcados pela escravidão e pelos privilégios coloniais da Louisiana, a série da AMC subverte essa moldura ao oferecer um Louis negro, interpretado por Jacob Anderson, inserido no contexto racial e social da Nova Orleans do início do século XX. Essa mudança tanto atualiza a obra para um debate contemporâneo sobre raça, poder e marginalização, quanto intensifica o caráter trágico do protagonista, que se torna ainda mais ambíguo ao transitar entre a exclusão social imposta por sua condição de homem negro e a inclusão violenta no mundo dos imortais vampíricos. O que em Rice era já um jogo entre desejo, culpa e poder, ganha novas camadas de leitura ao confrontar as contradições raciais da história norte-americana.

Ao reposicionar Louis como um homem negro no início do século XX, a série altera significativamente o eixo de identificação do espectador, reconfigurando as estruturas de

poder e pertencimento que sustentavam a narrativa original. Sob a perspectiva dos estudos raciais, especialmente a partir de pensadores como Stuart Hall (1997) e Paul Gilroy (1993), essa mudança pode ser lida como uma operação de rearticulação cultural, na qual representações identitárias são deslocadas para expor as dinâmicas de exclusão e resistência. Louis, outrora símbolo de uma culpa metafísica e existencial, torna-se agora também um emblema da experiência diaspórica afro-americana, oscilando entre assimilação e alteridade, entre o desejo de transcendência e a ferida de uma memória coletiva marcada pela opressão, pela exclusão e pela exploração. Sua imortalidade, assim, assume contornos políticos: o vampiro negro encarna tanto a sobrevivência quanto o trauma social e cultural.

Essa abordagem dialoga com o projeto literário mais amplo de Anne Rice, que já havia explorado questões raciais e hierarquias sociais em *Feast of All Saints* (1979). Nesse romance, ao retratar a comunidade negra e livre de Nova Orleans, Rice antecipou uma reflexão sobre identidade racial, mestiçagem e mobilidade social em um contexto pós-escravocrata. A série televisiva, ao retomar essa Nova Orleans racializada, estabelece, assim, um elo intertextual com *Feast of All Saints*, recuperando a complexa cartografia de cor e classe que define o Sul dos Estados Unidos. Assim, o que poderia parecer apenas uma alteração de elenco revela-se um gesto de continuidade temática: a racialização de Louis reinscreve a melancolia vampírica de Rice no coração de uma história de corpos colonizados e subjetividades marginalizadas.

Nesse sentido, *Entrevista com o Vampiro* (AMC 2022) pode ser compreendida como uma leitura revisionista e decolonial do mito vampiresco, ao tensionar os limites entre monstros e humanos, opressores e oprimidos. A série incorpora desse modo, visual e narrativamente, a crítica a uma branquitude hegemônica como forma normativa de humanidade, subvertendo o olhar dominante por meio da presença e da performance negra. Louis não é apenas reescrito como sujeito racializado, mas como agente crítico que desestabiliza as categorias de civilização, pureza e poder que estruturam tanto o mundo mortal quanto o imortal. Ao fazer da diferença racial um dos centros dramáticos de sua narrativa, a adaptação televisiva renova a poética sombria de Rice, expandindo-a para um campo de disputa simbólica em que a representação deixa de ser mera ornamentação estética e passa a constituir um espaço de resistência e reinvenção.

Outra modificação crucial diz respeito à moldura narrativa: a entrevista que estrutura a história de Louis. No romance, um jovem repórter em São Francisco, nos anos 1970, recebe de Louis o relato de sua existência. A série, por sua vez, assume que essa primeira entrevista de fato ocorreu, mas que agora, décadas depois, em 2022, um Molloy mais velho e cético retoma a conversa com Louis em Dubai. Essa mudança é mais do que um recurso temporal: ao situar o reencontro dos personagens no presente, a narrativa reflete as marcas deixadas pela pandemia de covid-19 e pelo isolamento social, deslocando o relato íntimo da cidade costeira da Califórnia para o coração globalizado dos Emirados Árabes. Assim, a entrevista deixa de ser apenas um artifício literário e passa a aprofundar as transformações do próprio ato de narrar em um mundo profundamente alterado por crises globais, possibilidades tecnológicas infundas e experiências coletivas de confinamento, angústia e aceleração.

Será nesse mundo que se adensará a relação entre os personagens, tanto os do presente quanto os do passado. Como veremos, ao analisarmos os sete episódios dessa primeira temporada, esse processo será intensificado por diversas materialidades do passado, objetos físicos que serão tocados, segurados, sentidos, alterados, numa perfeita exemplificação daquilo que Rosa define como ressonância.

3. Materialidade e Ressonância em *Entrevista com o Vampiro* (AMC)

O episódio de abertura, “In Throes of Increasing Wonder...”, foi escrito por Rolin Jones e dirigido por Alan Taylor, sendo exibido em 2 de outubro de 2022. A série abre de forma rotineira e quase banal, dando ao espectador uma sequência cômica que exemplifica a vida de Daniel Molloy, o entrevistador, adentrando a terceira idade. Constituída de cursos online, posts em redes sociais e presença digital questionável, todas essas inserções são perpassadas pela artificialidade técnica de conteúdos virtuais de rápida produção e consumo.

“Este filho da puta mudou tudo isso”, afirma o velho jornalista mostrando para a câmera um celular. Essa primeira sequência dá lugar ao enfado do personagem, sentado preguiçosamente no sofá, enquanto vemos um tremor em sua mão ao tentar encaixar uma peça em um quebra-cabeça. Uma conversa com o médico é interrompida pela chegada de um pacote de fitas cassetes – a primeira inserção tecnológica estranha em um mundo perpassado pela vacuidade do digital –, suporte físico que necessita de Daniel a busca por um antigo aparelho de reprodução sonora em meio a um armário repleto de entulhos.



Figuras 1 e 2 – Frames de *Entrevista com o Vampiro* (AMC), temporada 01, episódio 01.

As fitas chegam acompanhadas de uma carta suntuosa, cuja escrita caligráfica em papel linho cortado à mão corta o tempo da narrativa como uma presença do passado. O conteúdo da carta é transmitido ao espectador com uma narrativa em off. A primeira sequência de Molloy é risível em sua banalidade, numa existência vazia e apática, até ser interrompida pela voz articulada desse interlocutor de outras eras e de uma visão de uma Dubai ultra tecnológica à noite. O modernismo elegante dessa imagem noturna contrasta com o ambiente algo caótico e desorganizada da casa de Molloy nos Estados Unidos.

A imagem aérea dá lugar ao interior de um arranha-céu azulado e aconchegante no qual somos apresentados ao entrevistado. Ele veste roupas escuras e modernas, de corte e tecido esporte, em nada lembrando vestimentas formais ou antigas. Seu estilo é casual, em contraste com as roupas sofisticadas comumente associadas a personagens imortais. Nessa primeira sequência, o Louis de Jacob Anderson surge muito diferente da versão de Brad Pitt no filme de 1994. Em Dubai, o diálogo do entrevistado calmo e antigo com o entrevistador envelhecido e doente é entrecortado de impaciência e irritabilidade. Enquanto um deles tem todo o tempo do mundo, o outro sabe que está próximo da morte. “Seu diagnóstico acelerou tudo, não?”, perguntará Louis em outro momento desse episódio.

Vale aqui contrastar esse início com as primeiras linhas do romance de Rice, para ver como, ao afastar-se do texto fonte, a série na verdade atualiza de forma eficiente a oposição entre a pressa nervosa do então jovem entrevistador com a paciente existência do vampiro.

– Compreendo...

Disse o vampiro, pensativo, *caminhando lentamente* pela sala até a janela. Durante *muito tempo*, permaneceu de pé em frente à luz fraca e à torrente de tráfego da Rua Divisadero. Agora o rapaz conseguiu ver os móveis da sala mais claramente, a mesa de carvalho redonda, as cadeiras. Numa das paredes, uma bacia pendia sob um espelho. Apoiou a maleta na mesa e esperou.

- Qual é a quantidade de fita que você trouxe? – perguntou o vampiro, virando-se agora de modo que o menino pudesse ver seu perfil. – O suficiente para registrar a história de uma vida?
- Certamente, se for uma vida *movimentada*. Às vezes chego a entrevistar três ou quatro pessoas, *numa noite de sorte*. Mas tem de ser uma boa história.
- É claro – respondeu o vampiro. – Então, gostaria de lhe contar a história de minha vida. Gostaria muitíssimo de fazê-lo.
- Ótimo – disse o jovem. E tirou *rapidamente* o pequeno gravador da maleta, testando a fita e as pilhas. – Estou *realmente ansioso* por saber por que acredita nisso, por que... (Rice 2020: 9, grifos meus)

Desse modo, a entrevista da série televisiva – que continua a estruturar o enredo como o romance o fazia – tem início substituindo a moldura narrativa mais rápida daquele, uma sessão comprimida em uma única noite, por uma série de sessões, que levarão dias, fazendo a diegese da série brincar com a prática do espectador que assistirá à entrevista no decorrer de várias sessões ou episódios. Além disso, ser a série veiculada semanalmente em uma emissora tradicional desafia o modelo de *streaming* de rápido consumo. Aqui, não temos uma série para “maratonar”, ao menos não em seu modelo original de transmissão e veiculação.

Nesse aspecto, parece que tanto no enredo quanto no formato escolhido por seus criadores, *Entrevista com o Vampiro* desafia as normas vigentes de mercado, calcadas em velocidade, rápida entrega e veloz substituição por novos produtos. Como veremos, essa primeira impressão será confirmada na progressão da série e, também, no espaço de produção entre temporadas, convidando – ou desafiando – seus espectadores a reverem expectativas e hábitos de consumo. Estamos entrando, mesmo que na modernidade atual, em um outro tempo e espaço, um tempo de fruição e um espaço de revelação, tanto subjetiva e psicológica quanto histórica e cultural. Essa é a “odisseia” temporal proposta pela série.

Quanto ao tempo, são diversas as alusões ainda neste primeiro episódio. Em primeiro lugar, nas marcações temporais que vão desde Daniel informando ao espectador a data exata de seu encontro com Louis: “São 10h08 do dia 14 de junho de 2022” ao qual o entrevistado adiciona: “O ano era 1910, o quinto ano após o falecimento do meu pai e meu quinto ano como executor responsável pelo patrimônio da família de Pointe du Lac.” Um pouco antes de tirar sua vida, o irmão de Louis, Paul, interpretado por Steven G. Norfleet, revela sua própria contagem do tempo: “Nove mil quinhentos e dezessete. É o número de dias que estamos nessa casa” (AMC 2022). Essas marcações curiosas de presente e passado, além dos períodos que comprimem nossas experiências de vida e de morte, tanto reforçam a verossimilhança do enredo como sublinham um tema onipresente da série: o tempo e sua passagem.



Figuras 3 e 4 – Frames de *Entrevista com o Vampiro* (AMC), temporada 01, episódio 01.

Aqui, vale uma nota sobre os espaços internos onde se dá a entrevista, espaços amplos e abertos, quase quartos cavernosos mais do que apropriados à fruição do tempo e à lentidão dos rituais de conversa, escuta e fala que veremos serem encenados episódio após episódio. A sala do apartamento de Dubai é o primeiro cenário que veremos na série. Nela, janelas amplas que dão para o dia e a noite, com filtros nos vidros para afastar a luz solar dos moradores vampíricos dá às cenas a intimidade de cômodos escuros e aconchegantes, como se o limite entre sonho, delírio e realidade fosse muito tênue, ou até inexistente.

Na sequência, agora com os dois personagens parados na sacada da torre altíssima de Dubai, a cena aprofunda esse tema, quando o Mal de Parkinson de Daniel é referido por Louis: “O seu diagnóstico, Daniel, apressou as coisas para você. O vírus virou o mundo de cabeça para baixo.” Ao que o repórter responde: “Eu sei. Eu vou morrer. Eles vão morrer. Mas o vampiro,

não.” “Mas o vampiro está entediado” (AMC 2022), devolve o imortal. Ao lembrar a morte do irmão, o que Louis percebe é que os ciclos da vida dos vivos permanecem imutáveis, seguindo seus costumeiros ritmos:

O povo de Storyville abaixou os chapéus, mostrou condolências, era o costume. Mas se olhasse além das pessoas enfileiradas na calçada, veria que os bares não pararam de funcionar, as prostitutas não pararam de trabalhar. Do que valia a vida do Paul para eles? Do que valia a minha vida? (AMC 2022)

Em outro momento do episódio, Louis revela que Lestat “Ele não me disse como fazia, seu truque para parar o mundo. ‘Na hora certa, Louis. Paciência, Louis.’” Logo depois, o diálogo avança.

Daniel
Imagino que se encontravam somente à noite.

Louis
É Nova Orleans.
Os dias servem para curar o dano da noite anterior.

Daniel
Pretexto perfeito para um vampiro.

Louis
Novamente precipitando-se, Sr. Molloy.
Deixe o conto te seduzir.
Assim como eu fui seduzido. (AMC 2022)

Aqui, a ironia é dupla: tanto o vampiro está pedindo paciência ao mortal como um dia Lestat aconselhara paciência a ele próprio, quanto a série sugere ao espectador que este deve se libertar da pressa se quiser ser seduzido por essa história. É também aqui, na frase “Ele não me disse como fazia, seu truque para parar o mundo” que Louis revela a capacidade de Lestat de justamente congelar o tempo e os ritmos da vida, como ele faz várias vezes neste episódio.

Seja em passagens mais íntimas ou públicas, ou ainda na igreja, no sangrento clímax do episódio, quando Louis é transformado em vampiro, a série mostra o mundo interromper seu fluxo em câmera lenta – como o padre correndo para se salvar – ou mesmo congelar – como os racistas empresários sulistas na mesa de carteados. Eis a conclusão perfeita para um episódio no qual o entrevistado fala de sua morte como mortal e ressurreição como vampiro a partir dos opostos de “O fim. O início.”

Digno de nota são os elementos analógicos presentes nesse primeiro episódio, além do já mencionado gravador. O episódio dará especial destaque ao cartão de visitas que Lestat entrega a Louis e este a Daniel, as passagens impressas de navio que Louis dá ao irmão como presente de casamento à irmã e a caixinha de som que os amantes acionam antes do adormecimento da profissional do sexo Lily, vivida por Najah Bradley, além de antigas tecnologias urbanas como os luzeiros a gás de Nova Orleans. Além dessas inserções – materiais, analógicas e antigas –, o episódio também dá destaque a experiências muito corpóreas de recepção e vivência de arte: a música ao vivo na casa noturna enquanto Louis e Lestat disputam as atenções de Lily e este revela que fora atraído até ali por sua paisagem musical, além do sapateado entre Louis e o irmão no casamento da irmã.

Em suma, tudo nesse primeiro episódio segue um ritmo variável e fluido, no qual velocidade e lentidão, pressa e paciência, são apresentados e contrastados, numa experiência que demanda dos espectadores apreciação atenta e fruição de detalhes. A dupla relação entre diferentes artefatos tecnológicos, físicos e materiais, que serão tocados pelos personagens, e a necessidade da paciência temporal será onipresente em todos os episódios da temporada.

Em 9 de outubro de 2022, foi ao ar “After the Phantoms of Your Former Self”, também roteirizado por Rolin Jones e dirigido por Alan Taylor. O segundo episódio foi ambientado entre 1912 e 1914, com a série reforçando a relação entre tecnologia, materialidade e tempo. O episódio abre com uma pintura de Marius, um importante vampiro na mitologia de Rice. A tela surge diante do olhar de Daniel e Rashid, vivido por Assad Zaman, então apresentado como um assessor de Louis. Trata-se aqui de uma metáfora visual do passado artístico e erudito que sustenta os vampiros, um objeto que exige contemplação lenta, ao contrário da velocidade imagética típica do audiovisual contemporâneo. No passado, reforça essa lentidão as remissões de Lestat à música. Na cena da ópera, Louis e Lestat compartilham um espaço sonoro e performático de profunda ritualização: a música exige silêncio, escuta e duração, o que a série traduz em imagens que prolongam o tempo do enredo e das cenas.

Mas a marca temporal mais significativa desse episódio está na alimentação. Essa lentidão perpassa a detalhada refeição compartilhada entre Daniel e Louis, com a dramaturgia apostando na pausa e no diálogo como formas de construir intimidade e explorar a memória. A sala de jantar será o segundo cenário contemporâneo a ser mostrado. Nela, o diálogo sobre comida e lembranças devolve ao espectador a ideia de que a imortalidade não é feita apenas de ações grandiosas, mas de pequenas suspensões do tempo, que conectam e confundem memória, corpo e linguagem, conectando tudo isso ao ritual alimentar.



Figura 5 – Frame de *Entrevista com o Vampiro* (AMC), temporada 01, episódio 02.

O terceiro episódio, “Is My Very Nature That of a Devil”, foi exibido em 16 de outubro de 2022, com roteiro de Jonathan Ceniceroy e direção de Keith Powell. Este episódio, ambientado em 1917, tem a Primeira Guerra Mundial como pano de fundo, destacando o envio de jovens soldados para batalhar na Europa. Este episódio desloca a atenção para a inscrição histórica e social do vampirismo, explorando a relação entre passado e presente através de documentos, lugares e músicas. A praça frequentada por Lestat e Louis, nos arredores da Saint Louis Cathedral de Nova Orleans, torna-se uma espécie de palimpsesto urbano, carregado de memórias e disputas que se cruzam com referências concretas, como a Portaria 4118, evocando os conflitos civis e étnicos que marcaram Nova Orleans.

Esse lastro histórico é intensificado pela trilha musical, em especial com a inclusão de *Wolverine Blues*, peça que insere o espectador num tempo cultural específico, evocando a tradição jazzística e suas tensões raciais. A menção ao clássico da música negra estadunidense, confundida por Louis como cocriação de Lestat, é o que Daniel precisava para fazer um primeiro esforço de desconstrução da narrativa de seu entrevistado, mais violenta e ofensiva em 1970 e agora, aparentemente, mais sensível e apaixonada.



Figura 6 – Frame de *Entrevista com o Vampiro* (AMC), temporada 01, episódio 03.

“Cinquenta anos depois, você fala como se ele fosse sua alma gêmea, como se estivesse preso em um romance gótico”, provoca Daniel. “Esta é a odisseia da reconstrução”, responde Louis, lendo a frase do livro de memórias de Daniel. “As fitas são uma atuação admitida”, continua o vampiro. “Essa é a premissa da nossa entrevista. Meio século depois, permita-me ter minha própria odisseia [de reconstrução].” (AMC 2022)

Essa oposição sugere um afinamento com a “ressonância” de Rosa, que necessita não só de duas pessoas, mas de mútua transformação: “Não se pode confundir ressonância com consonância ou harmonia: ela não significa concordância ou fusão, antes significa resposta, e, enquanto tal, engloba constitutivamente contradição e dissonância” (Rosa 2019: xl).

Desse modo, fica mais e mais claro que o que Daniel e Louis estão construindo é uma jornada conjunta em que nada é certo ou definido ou devidamente lembrado, com memórias e lembranças e sentimentos se (con)fundindo no caudal da memória de ambos. E para se mergulhar no passado e trazer dele respostas, como bem sabemos, é necessário tempo. E paciência. Além de contradição e debate.

O episódio também articula tecnologias e práticas culturais como arquivos vivos – da legislação impressa às canções performadas, das revoltas sociais aos livros impressos de memórias falsas ou falhas – para mostrar que cada gesto dos personagens reverbera numa história coletiva e subjetiva, individual e compartilhada. Enquanto o episódio anterior privilegiava contemplação e pausa, este inscreve os vampiros na aceleração da história social, lembrando ao espectador que até a imortalidade deve atravessar as mudanças do tempo. E o rastilho dessa pólvora leva a Claudia e a sua criação como jovem vampira.

Em 23 de outubro de 2022, foi ar o quarto episódio, “The Ruthless Pursuit of Blood with All a Child’s Demanding”, com roteiro de Hannah Moscovitch e direção de Levan Akin. Nele, a série intensifica a relação entre materialidade, tecnologia e memória. A abertura com Daniel ao celular, em diálogo com seu médico, insere a narrativa no presente imediato, lembrando que a

entrevista agora se dá em um tempo mediado por telas e conexões incessantes. Esse registro contrasta com a cena seguinte: Armand conduz Daniel a um espaço que se opõe à aceleração, numa sala de leitura concebida como jardim atemporal de “arquitetura sentimentalista” onde prateleiras suspensas sustentam livros, cadernos e manuscritos.

Essa alternância entre o instantâneo e o perene, entre o passageiro e o mítico, estabelece um ritmo narrativo que privilegia a fruição lenta e reflexiva. É nesse ambiente que os diários de Claudia são revelados como principal veículo da memória, transformando o texto manuscrito em dispositivo narrativo central, capaz de fixar o olhar do espectador sobre a experiência subjetiva da jovem vampira.



Figuras 7 e 8 – Frames de *Entrevista com o Vampiro* (AMC), temporada 01, episódio 04.

Essa tensão entre diferentes regimes tecnológicos é reiterada na ida dos três vampiros ao cinema mudo, por volta de 1923, para assistir *Nosferatu* (1922). A escolha desse filme não é casual: remete ao início do cinema enquanto linguagem estética, marcado pela lentidão da projeção, pela ausência de fala e pela expressividade corporal. Nesse contexto, o gesto de Claudia receber flores e um cartão de seu jovem pretendente, que ela findará por matar, se inscreve como outra materialidade analógica, tão delicada quanto perigosa, já que o gesto de enamoramento se duplica no gesto de fascínio e assassinato.

O episódio se encerra no mesmo jardim da memória, com Louis em contemplação, reforçando a ideia de que tanto os objetos materiais (cadernos, flores, cartões, películas) quanto os espaços arquitetônicos (bibliotecas, cinemas, salas de jantar) funcionam como suportes da memória vampírica. São dispositivos que exigem do espectador fruição atenta, lenta, ritualística, longe da alienação desvinculada.

Assim, a cena de *Nosferatu* e o gesto amoroso-mortífero de Claudia encontram na contemplação final de Louis justamente o que Rosa defende como “ressonância”: um instante em que a arte, a memória e a experiência corporal não são apenas consumidas, mas respondidas e transformadas pelo sujeito. Nesse sentido, tanto o cinema mudo quanto os objetos analógicos do episódio instauram um regime de presença e escuta, onde a indiferença se faz impossível. O espectador, como Louis neste “jardim de conhecimento”, é convocado a entrar em relação responsiva com as imagens e os vestígios materiais, numa troca que o faz reconhecer que, mesmo no universo de vampiros imortais, vale a capacidade de vibrar com o mundo e de ser afetado por ele, temas esses que perpassam a obra inteira de Anne Rice.

O quinto episódio, “A Vile Hunger for Your Hammering Heart”, exibido em 30 de outubro de 2022, com roteiro de Rolin Jones e direção de Keith Powell, tensiona o choque entre tecnologias, temporalidades e afetos. A presença do tablet nas mãos de Rachid, ao lado dos cadernos de Claudia que Daniel persiste em ler, explicita a convivência entre suportes digitais e analógicos, ambos mediando a mesma busca pela memória e por uma suposta verdade que será tanto buscada quanto revisada durante a entrevista.

A música, mais uma vez, é o ponto de convergência entre corporeidade e tempo histórico: Lestat ao piano ecoa uma prática aristocrática e refinada, enquanto a trilha sonora e as referências a Louis Armstrong e Henry Ford evocam tanto exemplos da cultura popular do período quanto os efeitos nefastos da Grande Depressão norte-americana, visíveis também nas ruas degradadas e no apartamento em declínio dos dois vampiros. Aqui a narrativa avança pela década de 1920, chegando à fuga de Claudia.



Figura 9 – Frame de *Entrevista com o Vampiro* (AMC), temporada 01, episódio 05

Quando a jovem vampira, em conflito com seus pais, deixa Nova Orleans em busca de respostas sobre si e sua espécie, o que ela encontra é igualmente solitário e impreciso, além de violento. O livro de etiqueta entregue a Claudia pelo vampiro abusivo Bruce, o único imortal que chega a encontrar, introduz outra materialidade significativa, um objeto pedagógico que, em mãos abusivas, se transforma em instrumento de opressão e controle. Quando Claudia os deixa, Louis se agarra a jornais e livros velhos, amontoando papéis como se pudesse deter o fluxo do tempo ou reconquistar notícias da filha perdida.

“A Vile Hunger for Your Hammering Heart” é um episódio de silêncios e esperas, que encerra com a interrupção abrupta do gramofone e a cena brutal da briga entre Louis e Lestat tendo Claudia por estopim. Aqui, a violência não é apenas narrativa, mas também estética: o colapso da música, dos objetos da casa e dos corpos dos amantes dramatiza a impossibilidade de sustentar ideias antigas. Quando Louis é levado aos céus por Lestat e despenca, a imagem tétrica e triste serve de metáfora para o inevitável encontro daquele com a realidade.

O penúltimo episódio, “Like Angels Put in Hell by God”, foi exibido em 6 de novembro de 2022, com roteiro de Hannah Moscovitch e direção de Levan Akin. Nele, a dimensão material e tecnológica inscreve na reconciliação momentânea entre Lestat, Louis e Claudia uma verdadeira liturgia de objetos. Claudia aparece constantemente com livros nas mãos, sublinhando o papel da leitura como disciplina, refúgio e afirmação de identidade. Lestat, por sua vez, oferece a Louis um precioso *Livro das Horas* medieval, gesto de poder e sedução que se ancora na raridade material e no prestígio histórico do objeto.

O gramofone, a caixinha de música e o jogo de xadrez completam esse cenário de reconciliação, ambos funcionando como metáforas de ordem e harmonia, ainda que precárias. Mais significativo é o vinil em que Lestat grava uma canção para Louis: a fixação sonora em um suporte analógico carrega tanto o desejo de permanência quanto a consciência da fragilidade, já que o disco pode riscar, quebrar ou se perder.

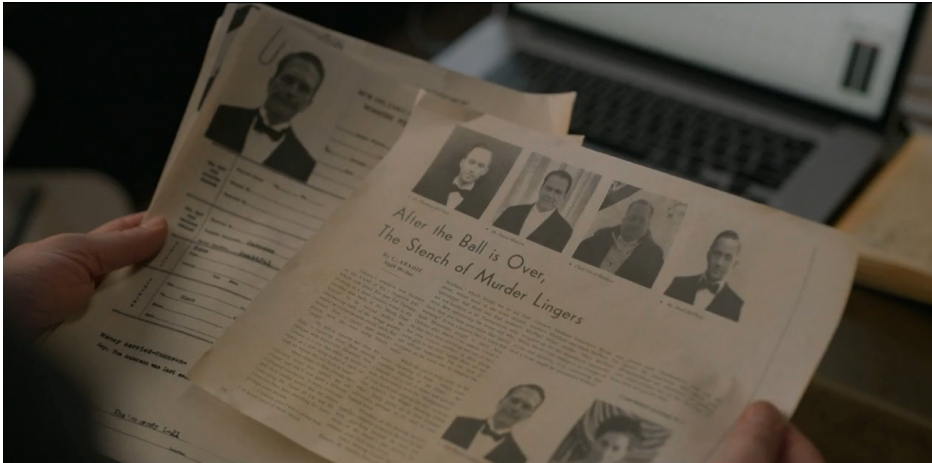


Figura 10 – Frame de *Entrevista com o Vampiro* (AMC), temporada 01, episódio 06.

Do ponto de vista histórico, a audição de rádio anuncia a eclosão da Segunda Guerra Mundial, por volta de 1939. O rádio, símbolo da comunicação de massa do século XX, insere a narrativa íntima dos vampiros no fluxo da história coletiva, lembrando que nem mesmo a imortalidade pode escapar às convulsões do tempo. Esse recurso desloca o espectador do espaço privado da reconciliação entre Louis e Lestat para a consciência da catástrofe global, sublinhando a contradição entre a eternidade e a aceleração bélica da modernidade.

A temporada findou em 13 de novembro de 2022 com o episódio “The Thing Lay Still”, com roteiro de Rolin Jones e direção de Alexis Ostrander. A trama mergulha na exuberância do carnaval de Nova Orleans, configurando uma apoteose de corpo, música e festa popular. Figurinos, carros alegóricos, banquetes e danças dominam a tela, em uma sobrecarga sensorial que celebra a vitalidade do corpo e antecipa o banquete sangrento dos vampiros.

A materialidade aqui é de outro tipo: tecidos, máscaras, plumas e instrumentos, todos inscritos na efemeridade da festa, contrastam com os documentos políticos e as passagens de navio que Louis e Lestat manipulam, signos de uma trama de fuga, sobrevivência e vingança. O carnaval, portanto, é filmado como um teatro total, no qual o corpo individual e o corpo social se misturam, apenas para serem traídos pela violência subsequente.



Figuras 11 e 12 – Frames de *Entrevista com o Vampiro* (AMC), temporada 01, episódio 07.

O clímax desse episódio condensa a tensão central da série: à mesa dos preparativos, Louis, Claudia e Lestat anunciam a máxima “Deixe a carne instruir a mente”, síntese da poética de Anne Rice e da adaptação televisiva. É no corpo – em sua performance, em seu prazer e em sua dor – que se inscrevem os aprendizados da (i)mortalidade. Não por acaso, a revelação final do episódio – a identidade de Rashid como Armand – é acompanhada pelo close em um livro de recortes, dispositivo analógico que resgata a memória de um passado trágico (a destruição do Teatro dos Vampiros e a morte de Claudia). O contraste entre o excesso carnavalesco e a quietude silenciosa de um álbum de recortes evidencia mais uma vez a articulação entre materialidades efêmeras e permanentes, entre o espetáculo coletivo e a lembrança privada, instaurando a ponte para os desdobramentos da segunda temporada.

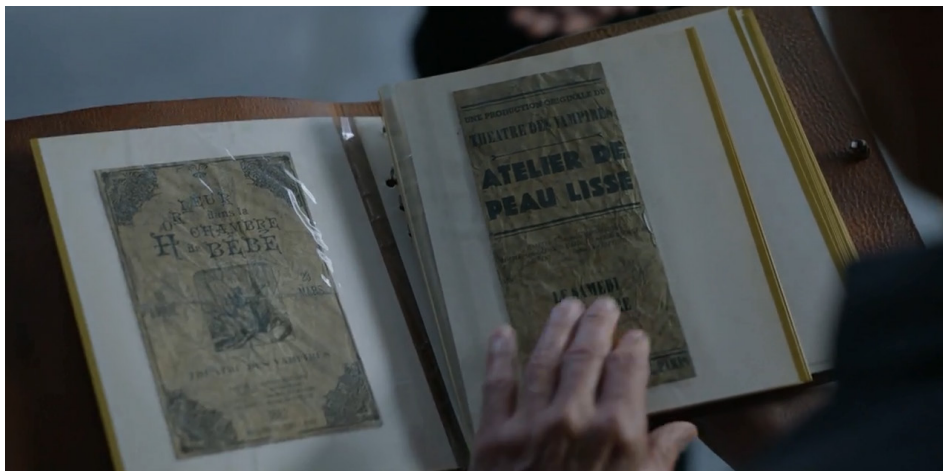


Figura 13 – Frame de *Entrevista com o Vampiro* (AMC), temporada 01, episódio 07.

Por fim, cabe destacar o modo como a primeira temporada trata a relação de Lestat com a música. Como vimos, diferentes tecnologias musicais são dramatizadas nessa primeira temporada, do violino à guitarra, da ópera à apresentação musical, da composição clássica à música contemporânea, como se a relação com a música e o som surgissem como exemplificadora de muito do que vemos e ouvimos, sentimos e vivenciamos, no passado e no presente. Aqui é impossível não pensar na origem do conceito de “ressonância” enquanto referência musical e sonora. Sobre essa origem, Rosa escreve:

Uma vez que se oriente pela origem acústica do conceito de ressonância, evidencia-se que um corpo (de um violão ou de um violino, por exemplo) só se torna capaz de ressonância na medida em que é suficientemente fechado: um objeto permeável, poroso, não pode ser levado a soar. Ao mesmo tempo, no entanto, ele deve ser suficientemente aberto para que se deixe ‘afetar’, isto é, para que se deixe pôr em vibração: o corpo completamente fechado não ressoa de forma alguma. (2019: xxxix)

No caso de Lestat, a música torna-se metáfora central para pensar sua construção enquanto personagem, algo que fica ainda mais evidente nos livros seguintes de Rice, quando ele voltará à vida para assumir o papel de um dionisíaco astro de rock. Na série televisiva, sua relação com diferentes instrumentos e estilos musicais reflete justamente essa tensão descrita por Rosa: não estar nem inteiramente aberto, nem totalmente fechado, mas encontrar a medida em que o corpo e o espírito se deixam afetar e, ao mesmo tempo, se protegem para ressoar.

Lestat configura, assim, uma resistência completa às lógicas dominantes da sociedade moderna, baseadas na alienação e no desencanto. Sobre ele, Ramsland escreve:

A lógica de Lestat desafia as fórmulas padrão porque ignora os cânones de lógica aceitas. Ao contrário de Louis, contudo, ele não se sente confuso nem traído por esta perda de absolutos, mas vê o poder do niilismo e do caos como um meio de transição de um conjunto de valores para outro. Lestat acredita que está libertando as pessoas para exorcizar de suas vidas um falso Deus e encontrar o bem dentro de si mesmas. (2024: 348)

No caso da música, a construção deste vilão-herói sugere que viver a música, fazendo dela um remédio para a vida, é estar disposto a vibrar com o outro sem perder a própria forma, mantendo-se coeso para não se dissipar e, ainda assim, permeável o bastante para ser transformado. Nesse sentido, a trajetória musical de Lestat dramatiza um modo de presença no mundo em que a ressonância não é apenas metáfora acústica, mas uma prática existencial de intensidade, risco e necessária metamorfose.

Assim, ao articular carnaval e música, festa popular e tecnologia sonora, *Entrevista com o Vampiro* constrói uma primeira temporada marcada pela materialidade dos corpos e pela experiência da ressonância. Entre a efemeridade das máscaras e a permanência da memória, a série nos mostra que a imortalidade não se dá como transcendência etérea, mas como contínua negociação entre abertura e fechamento, excesso e contenção, prazer e dor. É nesse limiar, em que o corpo se torna capaz de vibrar sem se perder, que reside a potência estética e filosófica da obra — e é aí também que a narrativa prepara o terreno para os embates, revelações e transformações das temporadas seguintes.

Considerações finais

Como visto, a série *Entrevista com o Vampiro* apresenta uma série de progressões temporais e tecnológicas para contar a vida de seus personagens no decorrer do século XX. A marca desse século é a renovação dos meios de transporte, que ganham na série uma variação que acompanha as transformações históricas e reforça a dimensão temporal da narrativa. Das carruagens funerárias evocando a morte sempre à espreita aos primeiros automóveis que sinalizam a modernidade em marcha, passando pelos bondes e trens que marcam a aceleração da vida urbana e pelas motos que traduzem liberdade e rebeldia, cada veículo se converte em signo de época e de experiência. Mais do que simples recursos cenográficos, esses transportes dramatizam a passagem do tempo, o choque entre tradição e modernidade e a constante necessidade de deslocamento dos vampiros, seres que nunca pertencem inteiramente a lugar algum, mas que encontram nos meios de locomoção metáforas de sua errância e sobrevivência.

Essa série de atualizações — temporais, tecnológicas, sociais e urbanas — projeta *Entrevista com o Vampiro* além de uma simples adaptação audiovisual de uma obra literária, transformando-a num comentário crítico sobre os modos de narrar e sobre o tempo histórico em que vivemos. Ao trazer à superfície o problema da raça e da marginalização social, ela tanto enriquece a tragédia íntima de Louis como reinterpreta a figura do vampiro como metáfora de exclusão e desejo em contextos de violência estrutural, social e política.

Do mesmo modo, ao reposicionar a entrevista em 2022, a série propõe uma reflexão sobre memória, trauma e reescrita em um mundo acelerado, onde o tempo é marcado por pandemias, isolamento e hiperexposição. Assim, o que Rice propunha como um romance de ritmo sinuoso, marcado pela densidade das experiências sensoriais, reaparece como narrativa que se opõe à velocidade contemporânea, convidando à contemplação e à escuta do detalhe, na contramão de um tempo que tende a reduzir histórias a fragmentos descartáveis.

Nesse ponto, a teoria de Hartmut Rosa nos ajuda a compreender as tensões que a série mobiliza. Para Rosa, a modernidade tardia é marcada por um ritmo cada vez mais vertiginoso, no qual o tempo parece escapar dos sujeitos, criando a sensação de alienação e desconexão do mundo. Tal processo, intensificado pelas tecnologias digitais, pelo celular e pela internet, culmina na experiência da pandemia de covid-19, quando a aceleração conviveu dia após dia com a suspensão do cotidiano, revelando a urgência de reconstruir vínculos significativos com o tempo e com os outros.

É justamente nesse ponto de intersecção que a série encontra sua força estética: ao mesmo tempo em que inscreve os vampiros de Anne Rice em uma moldura narrativa atravessada pelas tecnologias do século XXI, ela insiste em contrapor à aceleração atual práticas humanas e corpóreas que demandam paciência e fruição.

A apreciação da música, a memória convocada pela atenção, a experiência estética da arte e, sobretudo, o diálogo – entendido aqui como escuta e interlocução íntimas e transformadoras – surgem como formas de resistência, como modos de ressonância. São esses gestos de demora e cuidado, de atenção e respeito, que permitem às personagens, em especial Louis, com o suporte crítico e inquisitivo de Daniel, lidar com os traumas do passado e reconstruir um ego fragmentado, reafirmando a relevância da materialidade e dos sentidos como reflexão sobre temporalidade, memória e cuidado de si.

NOTA

* Enéias Tavares é escritor e professor de literatura clássica na UFSM. Publicou pela DarkSide Books os romances *transmídia Parthenon Místico* e *Lição de Anatomia* e pela Arte & Letra o estudo crítico *Fantástico Brasileiro*, este em parceria com Bruno Anselmi Matangrano. Mais de sua produção em eneiastavares.com.br.

Bibliografia

- AMC (2022), *Entrevista com o Vampiro*. Série criada por Rolin Jones e Mark Johnson, Estados Unidos da América.
- Gilroy, Paul (1993), *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.
- Groom, Nick (2018), *The Vampire: A New History*. New Haven and London, Yale University Press.
- Hall, Stuart (1997), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London, Sage Publications.
- Hoppenstand, Gary / Ray B. Browne (ed.) (1994), *The Gothic World of Anne Rice*. Bowling Green, Bowling Green State University Popular Press.
- Ramsland, Katherine (1997), *Anne Rice Reader*. New York, Ballantine Books: 101-123.
- (2024), *Anne Rice: Biografia Vampírica*. Rio de Janeiro, DarkSide Books.
- Rice, Anne (2020), *Entrevista com o Vampiro*. Rio de Janeiro, Rocco [1976].
- (1979), *The Feast of All Saints*. New York, Alfred A. Knopf.
- Roberts, Bette B. (1996), "Rice and the Gothic Tradition", in Beahm, George. (ed.), *The Unauthorized Anne Rice Companion*. Kansas, Andrews and McMeel Books: 107-119.
- Rosa, Hartmut (2019), *Aceleração: A transformação das estruturas temporais da Modernidade*. São Paulo, Editora da Unesp.
- Smith, Jennifer (1996), *Anne Rice: A Critical Companion*. Westport, Greenwood.
- Zimmerman, Gail Abbott (1997), "The World of the Vampire: Rice's Contribution", in Ramsland, Katherine (1997), *Anne Rice Reader*. New York, Ballantine Books: 101-123.